

## ESBOÇO CRÍTICO DA HISTORIOGRAFIA MILITAR BRASILEIRA

Ronaldo Queiroz de Moraes \*

### RESUMO

Em substância, sabemos objetivamente que a História faz parte das Ciências Humanas e que todas as ciências transformam seus paradigmas, com a História Militar não deve ser diferente e de fato, para os que acompanham atentamente a História Militar, é possível perceber, ainda que lentamente, mudanças significativas nas instituições militares e nas universidades civis. Há um *boom* extraordinário nas pesquisas e nas discussões teóricas publicadas em revistas militares e civis no Brasil e no exterior. Dessa forma, as ilações elaboradas no corpo da pesquisa em tela são estritamente de valor crítico-epistemológico, procurando no plano teórico esboçar paradigmas presentes nas narrativas historiográficas sobre o tema militar a fim de contribuir com as atuais discussões e persistir no debate.

**Palavras-chave:** História Militar, Historiografia, Teoria da História, Epistemologia.

### ABSTRACT

In substance, we objectively know that history is part of the human sciences and that all sciences transform their paradigms, with Military History shall not be different, in fact, for those who accompany attentively the Military History, it is possible to realize, although slowly, significative changes in military institutions and civilian universities. There is an extraordinary *boom* in the researches and theoretical discussions published in military and civilian magazines in Brazil and abroad. Thus, the elaborated inferences in the body of this research are of strictly critical epistemological value, trying to sketch in theoretical plan, paradigms found in historiographic narratives about the military theme in order to contribute to nowadays discussions and to persist on debate.

**Keywords:** Military History, Historiography, Theory of History, Epistemology.

---

\* Doutor Em História Social USP– Docente de História do Colégio Militar de Porto Alegre e Professor Convidado da Pós-Graduação da Faculdade Porto-Alegrense FAPA.  
E-mail: ronaldoqueirozster@gmail.com.

[...] Começa a haver uma história nova do fenômeno militar [...].

Jacques Le Goff

História Militar não é só a história das batalhas. A nossa história militar precisa ser mais sociológica, precisamos compreender melhor a sociologia militar, precisamos estudar os aspectos sociais da história, isto é absolutamente fundamental.

General-de-Divisão Octávio Pereira da Costa

Se a renovação [da História Militar] foi marcada pelo retorno dos historiadores ao fenômeno militar, o foi também pelo abandono do *événementiel* por parte dos militares.

Nuno Severiano Teixeira

## **Introdução**

O esboço crítico acerca da historiografia militar<sup>1</sup> contemporânea no Brasil traduz o esforço de pesquisa no sentido de apresentar e problematizar a produção temática no espaço civil e militar, com o propósito de inserir as escrituras militares propriamente na gramática da teoria da história. Nesse sentido, há a consciência de que o trabalho de leitura crítica volta-se para o campo teórico e metodológico da História Militar, em outras palavras, diz respeito aos procedimentos que transformam as fontes (documentos) em narrativa historiográfica. A História como integrante das Ciências Humanas não pode conviver deslocada de uma bossa epistemológica que lhe garanta o ordenamento discursivo moderno. De fato, não há ciência apartada da crítica de validação do discurso, nem mesmo na contramão da renovação dos paradigmas.

Com efeito, a História Militar não se diferencia da História como ciência humana, de forma que, cedo ou tarde, o debate brasileiro tende a enfrentar com

---

<sup>1</sup> Entendemos historiografia militar como um bloco de produção de escrituras voltadas à representação do real vivido centrado no tema militar.

responsabilidade a difícil tarefa de atualizar paradigmas contemporâneos transformando no plano geral o fazer historiográfico. Estamos bem próximos da mudança, o esgotamento dos espectros do anticomunismo com o fim da Guerra Fria tem possibilitado a aproximação entre civis e militares para discutir defesa nacional e história militar. A guerra moderna que se expressa de forma total não comporta o binarismo civil/militar, pois a ciência – em toda a sua expressão – volta-se, também, para a defesa militar. Assim, é de absoluta incongruência falar de ciência civil e militar, valendo o mesmo para história, pois é absolutamente improdutivo pensar em paradigmas antagônicos para uma História Militar produzida na caserna e outra na academia civil. Em outros termos, da mesma forma que é fundamental gerir a defesa nacional sem a dicotomia civil/militar, também é pertinente conjugar pesquisadores civis e militares na imperiosa missão de produção da História Militar.

Destarte, a presente escrita esboça uma crítica epistemológica à História Militar brasileira, primeiramente apresentando a História e a Historiografia Militar a fim de pontuar a ruptura frente ao paradigma tradicional e seu desdobramento na História Militar afetando a historiografia militar do século XX. Em seguida, avaliamos sob o prisma teórico e metodológico algumas obras de História Militar produzidas por civis e militares, proporcionando assim condições para contabilizar a presença do debate epistemológico atual na historiografia militar brasileira. E para finalizar, procuramos mapear as filigranas institucionais que possibilitam a aproximação entre pesquisadores civis e militares, bem como os limites que prejudicam a pertinente atualização geral do paradigma da História Militar brasileira.

Como todas as demais Ciências Humanas a História carrega em si uma função social importante, dessa forma, cabe aos historiadores pensar ordinariamente sobre a pertinência de sua produção na contemporaneidade. Presenciamos um contexto de crescente flexibilização de paradigmas e das práticas sociais, momento em que a “jaula de ferro” do ideológico moderno se desfaz num cotidiano cada vez mais paradoxal. Em tempos de crescente avanço da técnica no meio militar e civil sabe-se que o resgate da erudição, do pensamento crítico é fundamental como mecanismo de emancipação do sujeito. No limite, pensar sobre a própria produção – sobre o fazer historiográfico – é um ato reflexivo e crítico que sublinha a importância da ação intelectual num tempo de

aceleração tecnológica. Nessa perspectiva, a História Militar assume relevância social e seu estudo precisa compreender as Ciências Humanas em sua totalidade, incorporando o paradigma interdisciplinar a fim de fomentar uma história social das práticas militares.

### **História e Historiografia Militar**

A História como campo científico emerge no século do cientificismo, ou melhor, no século XIX, para desenvolver uma função social importante em contexto de consolidação do Estado-nação. Assim sendo, as diversas historiografias nacionais cumpriram a função política de legitimação dos Estados, fomentando a pertença identitária nacional (TEIXEIRA, 1995: 84). A História como produção e ensino voltava-se para o evento glorioso dos homens de Estado, favorecendo a perspectiva governamental. A Primeira Guerra Total (1914-1918) representou o triunfo da nação como expressão do Estado Moderno sobre todas as expressões internacionalistas e locais (HOBSBAWM, 1990:153). Com efeito, é impossível contabilizar esta vitória sem mensurar o papel da História como narrativa e disciplina amplamente divulgada nos Estados Nacionais. Dessa forma, a História contemplava as necessidades imperativas de uma época de consolidação de Estado vinculado à pertença nacional. Como resultado, toda uma arquitetura sócio-cultural foi inventada para assegurar a identificação do corpo social à nação. Nessa época, não havia hiato entre a História Geral e a Militar, pois os eventos político e belicoso se amalgamavam numa única narrativa que se centrava no herói (civil ou militar), no político e no cronológico ambas apoiadas em fontes oficiais que diziam a História para o historiador. Esta História na primeira metade do século XX passou a ser classificada como História Tradicional.

Ao que tudo indica depois de concluído seu papel, na formação das identidades nacionais, houve um esgotamento dessa historiografia entre os historiadores. Ela não carregava mais em si efeitos de verdade, a formação de sociedade de massa e o fomento da cidadania – como promessa da modernidade – exigia uma história mais social do que pessoal. Foi nesse contexto que a História Militar, que exerceu influência importante na constituição da identidade nacional – perdeu o atrativo temático. A fuga dos historiadores civis da chamada História-batalha, como parte do recitativo *événementiel*,

teve como consequência imediata o isolamento da História Militar na caserna, com diálogo limitado com o mundo civil. Por certo, a História Militar passou a ser uma história feita por militares e para militares, privada de reflexão epistemológica sofreu um processo de marginalização e (TEIXEIRA, 1995: 87). A História Militar burocratizou-se não proporcionando renovação teórica, enquanto a História acadêmica incorporava a interdisciplinaridade e ampliava seu objeto de investigação.

A historiografia militar no processo de mudança de paradigma foi alijada de qualquer atualização, presa ao século XIX, não pode acompanhar as transformações teóricas e metodológicas do conjunto das Ciências Humanas. Assim, a produção historiográfica militar dominante correspondeu ao duplo interesse já posto no século XIX, qual seja: o da arte militar como técnica de guerra e o do fato glorioso centrado no herói militar (TEIXEIRA, 1995: 84). Nesse sentido, *grosso modo*, é pertinente conceituar a História Militar como História Tradicional, na medida em que se revela presa ao paradigma tradicional do século XIX.

Esse paradigma foi contundentemente refutado pela escola francesa dos Annales. Em 15 de janeiro de 1929 foi publicado o primeiro número da Revista dos Annales, inaugurando um movimento que procurou superar os três ídolos da tribo dos historiadores, rompendo a barreira existente entre os historiadores e os cientistas sociais, procurando uma aproximação intelectual a fim de erigir uma história social interdisciplinar (BURKE, 1991: 33). O novo paradigma<sup>2</sup> conquistou espaço acadêmico na França e nos principais países Ocidentais, as primeiras publicações envolveram o tema economia, numa época de crise do capital; nos anos posteriores foi a antropológico que pontuou o tom das produções, abrindo terreno para a História das Mentalidades e a História Cultural e demais microparadigmas. Não havia assim espaço para a História Militar no círculo acadêmico, a tema militar passou à margem da história da historiografia dominante.

O novo paradigma historiográfico, baseado na Escola dos Annales, procurou estruturar-se em torno de um estatuto científico radicalmente contrário ao modelo

---

<sup>2</sup> Este “novo paradigma” numa expressão posta por Peter Burke representou uma “revolução na historiografia” que comporta uma série de microparadigmas que orbitam sobre o sol da Escola dos Annales dentre os mais utilizados na chamada “Nova História Militar” podemos citar: Nova História Política, História Cultural e História Biográfica.

tradicional do século XIX, combatendo a História Política e a Militar, como representação do passado presas ao evento e pouco explicativas das mudanças sociais. Destarte, a inclinação patriótica, comemorativa e legitimadora da História não mais ocuparia um lugar seguro na produção historiográfica. De forma que uma nova leitura do fenômeno social e da própria função da História soterrou o paradigma anterior. O historiador passou a não ser mais o legitimador do Estado e das Instituições, portanto, passou a não mais fornecer argumentos à constituição da pertença nacional e aos governantes para alimentar a premência de legitimidade estatal. Com efeito, o Estado já era senhor de si, as identidades nacionais já estavam absolutamente consolidadas, assim, a função do historiador deveria ser outra. Ele deveria agora procurar fornecer aos governantes e a sociedade em geral os meios para melhor compreender e administrar a complexa realidade social (TEIXEIRA, 1995: 86). Verdadeiramente, a função social do historiador passou a ser mais técnica do que político-ideológica; a História passou a ser atividade profissional não havendo espaço ao diletantismo.

A História e a Historiografia brasileira também sofreram influência teórica, direta ou indiretamente, da ofensiva da Nova História Francesa. As obras “Raízes do Brasil” do historiador Sérgio Buarque de Holanda e “Casagrande e Senzala” do sociólogo Gilberto Freyre abordaram o passado brasileiro pelo viés teórico da sociologia e da antropologia abandonando assim o paradigma tradicional, forjando uma substancial mudança na escritura da História Brasileira. Agregando-se a esse novo paradigma houve uma volumosa historiografia de tom marxista – centrada no econômico – que teve em Caio Prado Junior o principal historiador. Destarte, a História Tradicional foi perdendo espaço no país concomitantemente à modernização brasileira.

A História Militar brasileira, como nos demais países, ficou restrita, em larga medida, aos quartéis. O paradigma tradicional de pensamento rígido de método cartesiano e de teoria centrada no político e nos personagens de Estado sublinha esta concepção de História. O historiador e militar importante no Exército, Francisco de Paula Cidade – fundador da Revista A Defesa Nacional – sintetiza a concepção de História Militar Tradicional:

[...] a História Militar não pode ser compreendida fora do quadro da História Geral. O que há realmente é uma compartimentação espontânea, correspondente ao princípio cartesiano de subdivisão das grandes

dificuldades noutras sempre menores. Assim, a pergunta se há uma História Militar independente da História Geral, a resposta é que há uma História Militar, mas que esta é apenas um dos capítulos da História Geral, porque as guerras decorrem de fatores políticos de causas complexas que só indiretamente têm influência no campo militar. Não esqueçamos que o pensamento militar é decorrência de um pensamento político (CIDADE, 1998: 23).

A transição para um novo paradigma, segundo Thomas Kuhn, é uma revolução científica (KUHN, 1987: 122). De fato, a Nova Historiografia Francesa abalou decisivamente o paradigma tradicional, desestruturando os objetos e os temas que pontuavam a investigação dos historiadores. Contudo, tanto a História Militar como a História Política persistiram como narrativa do passado, a primeira restrita aos militares e a segunda imperante entre jornalistas. O que demonstra que para a sociedade em geral o tema ainda mostrava-se fértil. Além disso, mesmo historiadores que se posicionavam contrários ao paradigma anterior, ao longo de seus trabalhos dedicaram algum espaço para a História Militar e a História Política. No Brasil, o historiador e militar Nelson Werneck Sodré, um crítico contundente da História Tradicional, no conjunto de suas obras nos possibilita encontrar análises historiográficas importantes sobre o tema militar, sendo que a mais relevante é, sem dúvida, a “História Militar do Brasil” publicada em 1968. Em síntese, a revolução na historiografia que superou o paradigma tradicional não conseguiu de todo negligenciar o tema militar nem o político. Em virtude disso, nas últimas décadas do século XX, os temas militar e político retornaram às pesquisas nas Ciências Humanas e na História. Contudo, o retorno não significou o desgaste do paradigma vitorioso da Escola dos Annales, mas a adequação do tema à História Social.

Esta História Social do político e do militar emerge adjetivada pela expressão “Nova”, ou seja, uma Nova História Militar e uma Nova História Política. É importante sublinhar que o político e o militar como temas emergem efetivamente como história total, ou seja, não mais do corpo singular do homem de Estado, mas do corpo social; e mesmo quando emerge como biografia é a quantificação do quanto há do social no líder militar e político que se evidencia. Assim, o retorno do político e do militar vem se constituindo no quadro do paradigma interdisciplinar das Ciências Humanas. A obra “Por uma História Política” organizada por René Rémond e publicada na França em

1988 abriu um espaço decisivo para a retomada do político e do militar, como tema entrelaçados de capital importância para a compreensão do todo social. Na introdução o autor acentua:

Cada vez menos pesquisadores acham que infra-estruturas governam superestruturas, e a maioria prefere discernir (como os autores deste livro) uma diversidade de setores – o cultural, o econômico, o social, o político – que se influenciam mútua e desigualmente segundo as conjunturas, guardando o mesmo tempo cada um sua vida autônoma e seus dinamismos próprios (RÉMOND, 1996: 10).

Na mesma obra, o historiador Jean-Pierre Azéma reivindica a pertinência das relações entre a guerra e a vida da cidade, em outros termos, uma nova história política que incorpore a guerra como elemento explicativo das relações de poder. Consoante Azéma: “Uma leitura política da guerra parece e fato ser não só possível, mas necessária” (AZÉMA, 1996: 409). No Brasil não foi diferente, nos primeiros anos de nosso século, a Fundação Getúlio Vargas publicou a “Nova História Militar Brasileira”, organizada por Celso Castro, Vitor Izecksohn e Hendrik Kraay que apresenta uma síntese das pesquisas de historiadores brasileiros e brasilianistas em torno do tema militar. Na introdução os organizadores procuram esclarecer o conteúdo da obra:

Seu foco não é aquilo que geralmente se entende por “História Militar” – o estudo das batalhas, táticas e principais figuras militares. Pelo contrário, concentra-se naquilo que na América inglesa foi denominada, já há algum tempo, “a nova história militar” [...]. Os colaboradores deste livro entendem que os militares brasileiros não se encontram isolados da sociedade abrangente, embora possam guardar uma relativa autonomia em alguns aspectos e épocas específicas (CASTRO, IZECKSOHN, KRAAY, 2004: 12).

Desde os anos de 1990 até o presente momento estamos assistindo ao incremento na historiografia militar alicerçada no paradigma da Nova História, a expressão Nova História Militar, mesma que não diretamente, demonstra ser uma alusão ao movimento historiográfico que solapou a História Tradicional na França. A profissionalização dos historiadores nos cursos de pós-graduação vem fomentando pesquisas que buscam tanto superar a História Militar Tradicional como avançar contra o marxismo vulgar que, em parcela ampla, avaliou fenômenos militares de forma anacrônica e tendenciosa. Como efeito da crise do mundo moderno, evidenciada em



1991 – com o colapso soviético e com a flexibilização de mercados, da produção e da cultura – as certezas cartesianas perderam a capacidade de mobilizar “verdades” e a rigidez moderna passou a não ser capaz de acompanhar a velocidade das transformações. Assim, principalmente, os países da periferia do mundo moderno passaram a se preocupar com a educação e a pesquisa, de forma que no Brasil, nos últimos vinte anos, estamos assistindo ao avanço da escolarização em todos os níveis e com isso, cada vez mais, a pesquisa, mesmo nas Ciências Humanas, passa a ser imperativa. A retomada da História Militar no Brasil é parte considerável do fomento da pesquisa tanto nas universidades civis como nas instituições militares.

### **História Militar: Teoria e Metodologia**

Quando nos reportamos à História Militar quanto aos aspectos teóricos e metodológicos é de fundamental importância definir conceitos no quadro da fabricação das representações do real vivido. A teoria da história trata de um saber substantivo e empírico que busca definir qual é o campo da realidade que o historiador deve abordar proporcionando uma reflexão produtiva sobre a natureza do histórico (ARÓSTEGUI, 2006: 21). Para elaborar as concepções teóricas o historiador recorre, amiúde, às teorias explicativas das Ciências Humanas, portanto, *grosso modo*, a teoria da História traduz como na narrativa o historiador apresenta sua visão do social e do político inserido na rigidez do discurso científico. Já a metodologia da História trata dos procedimentos técnicos (caminho percorrido para a efetivação da pesquisa) que viabilizam a construção de um discurso racional acerca do real vivido. Em poucas palavras, a metodologia diz respeito aos procedimentos pelos quais o historiador aborda o problema de construir uma representação do passado possibilitando explicar porque os fatos são como são dentro de uma lógica que não difere das demais Ciências Humanas (ARÓSTEGUI, 2006: 465).

Durante o século XIX e parte do século XX o acontecimento memorável ou simbólico foi responsável por fornecer efeitos de verdade à memória histórica e a narrativa do passado. E esta história centrada nos acontecimentos voltava-se para o tema político e militar, erigia uma narrativa exclusivamente descritiva e psicológica no afã de

dizer o que “realmente” aconteceu num tom envolvido de neutralidade e de modelo afinado com as Ciências Naturais, portanto desconsiderava qualquer esforço analítico (LACOUTURE, 1990: 19). De forma que a metodologia de pesquisa da História consistia basicamente em recorrer aos documentos oficiais e basicamente transcrevê-los como narrativa. Formando, assim, uma História ligada ao factual – uma História historicizante – que valorizava os personagens oficiais e as práticas políticas e militares. Para Roger Chartier (1990: 518) tratava-se uma História Tabela que dispunha os fatos num questionário universal onde dominavam a política e o institucional.

O método da História Tradicional baseia-se numa concepção teórica que percebe os fenômenos sociais como de origem individual, pois precedem de ações individuais que quando repetidas se generalizam no corpo social. É por isso que o social se apresenta nas narrativas como epifenômeno das forças individuais, tal como a ideia de “contrato social” formulada pelo racionalismo moderno dos séculos XVII e XVIII, os fenômenos sociais apresentam-se como obra artificial (subjéctiva) resultado de acordo entre indivíduos livres (SIMIAND, 2003: 47-48).

É preciso, também, contextualizar, ou melhor, perceber o paradigma tradicional da história em seu tempo. Se o século XX não conseguiu empolgar a “tribo” dos historiadores, na medida em que o momento era outro. Não obstante, precisamente na segunda metade do século XIX, o paradigma historicizante foi extremamente importante para deslocar a História da Literatura, da crônica do passado. A História ganhou uma áurea científica apoiada nos documentos (ARÓSTEGUI, 2006: 109). Nesse sentido, devemos muito ao que hoje – por comodidade – classificamos como História Tradicional, pois não há teoria e metodologia de pesquisa de história que negligencie a importância de documentos para a elaboração da narrativa histórica. A História Política e a Militar não podem ser reduzidas à esfera absolutamente negativa, toda a crítica ao paradigma anterior tende a diminuir a importância e a descontextualizar o que outrora foi feito. Absolutamente, a crítica – sempre relevante ao desenvolvimento de qualquer ciência – não pode reduzir toda a produção anterior ao nada. Nem mesmo o isolamento e conservação (em parcela significativa da História Tradicional) na caserna podem ser vistos como algo negativo. Graças ao trabalho dos historiadores militares, corpos diletantes, que foi possível a permanência das pesquisas sobre o tema, de forma que a Nova História Militar somente pode se reconstituir em tempo curto nos anos 80, em

virtude de conhecimentos mantidos pela velha guarda de historiadores tradicionais. No limite, o abandono da História Política e Militar pela Escola dos Annales – em nome de novos objetos e problemas – não foi de todo positivo, pois apartou, também, da pesquisa historiográfica, temas de valor substantivo para a sociedade moderna. O Estado e as Instituições, bem como, a relação entre os indivíduos e o social foram, em larga medida, marginalizados no discurso historiográfico moderno. Os personagens e as instituições foram substituídos pelos conceitos e problemas, porém os sujeitos foram – em casos extremos – esmagados pela excessiva teorização sociológica e antropológica. Ao que tudo indica a Nova História Política e Militar terá como tarefa primordial resgatar os temas anteriores e inovar nas abordagens.

A História Militar não está alijada, em absoluto, dos imperativos teóricos e metodológicos que fundamentam a escrita da história. Toda a produção intelectual, por mais que se coloque em isolamento, mantém alguma relação com o contexto do “modo de produção” científico vigente. Sendo assim, a produção historiográfica militar contemporânea no Brasil, mesmo apresentando como tendência dominante a teoria e metodologia tradicional, em muitos momentos manteve uma aproximação, ainda que tímida, com o novo paradigma da história. Com efeito, na história da historiografia militar brasileira contemporânea é possível observar trabalhos importantes que procuraram horizontes de pesquisa alternativos. Quiçá, a primeira obra de peso produzida no interior da corporação militar foi a de Nelson Werneck Sodré, Tenente-Coronel do Exército, “Narrativas Militares”, na verdade, tratava-se de organização de narrativas militares elaboradas ao longo do tempo por diversos autores. Contudo, os textos escolhidos não foram de ordem técnico-militar, abrindo assim, espaço para a diversidade hermenêutica em torno do tema. Discorrer sobre a História Militar, sem estar centrado nos grandes personagens (políticos e militares) e nas batalhas, de forma literária e sociológica caracteriza-se como um momento ímpar na instituição. Consoante, o organizador do livro, Werneck Sodré:

É fácil notar, ainda, que houve a omissão, e propositada, das narrativas especializadas, daquelas que se circunscreveram à apresentação técnica, tática ou profissional dos assuntos e dos casos, dos combates ou das campanhas. Aqui não aparecem narradores militares especializados, como Bormann, Genserico de Vasconcelos, Tasso Fragoso e muitos outros que conservaram a memória dos feitos guerreiros, sem preocupação outra que não a de os interpretar ou descrever do ângulo operativo. E nem aparecem os temas políticos ou eventuais que motivaram orações no Parlamento ou nas solenidades públicas, – entre os quais seria impossível esquecer algumas

intervenções de Rui Barbosa e do próprio Barão do Rio Branco e ainda do grande ministro militar que foi o civil João Pandiá Calógeras, relator do orçamento de Guerra por mais de uma vez e defensor estrênuo dos interesses do Exército. Faz falta também a galeria dos chefes militares, de que, em trabalhos biográficos, temos preciosas fontes. As grandes personagens militares que aqui aparecem, desfilam rapidamente, porque foi maior a preocupação em mostrar as cenas de movimentos, em que os participantes são muitos, do que as cenas isoladas ou mesmo individuais (SODRÉ, 1959: 11-12).

A citação acima esboça, sem dúvida, um novo horizonte teórico e metodológico na apresentação da História Militar. A organização das narrativas militares não seguiu critérios tradicionais, postou-se, indiretamente, próximo aos paradigmas da nova historiografia francesa. As narrativas militares apresentadas revelam desde documentos históricos (relatos) até análises sociológicas sobre o passado militar brasileiro, proporcionando uma perspectiva social da História Militar brasileira. No limite, mesmo não sendo propriamente uma Nova História Militar em termos teóricos e metodológicos, configurou-se como uma considerável ruptura na escrita da História Militar produzida na caserna.

Entretanto, a obra “História Militar do Brasil” de Nelson Werneck Sodré, publicada em 1968, do lado de fora da instituição militar, representou, de fato, uma mudança importante na abordagem da História Militar brasileira, utilizando de teoria e metodologia afinada com os novos modelos de escrita de história. Foi, de fato, a primeira narrativa sobre o tema produzida por militar que rompeu decisivamente com a História Batalha tradicional. A História Militar de Werneck Sodré foi articulada à tendência explicativa da época, ou melhor, dentro de um quadro teórico e metodológico marxista – materialismo histórico – em que a narrativa se posicionava de forma mais estruturante com olhar geral centrado numa economia social (infraestrutura) capaz de explicar o desenvolvimento militar brasileiro. O mesmo autor foi instrutor da disciplina de História Militar na ECEME (Escola de Comando do Estado-Maior do Exército) no final dos anos 50 no Exército, onde procurou desenvolver ensino no mesmo sentido – o que provocou certa resistência em face de uma concepção de História Militar mais técnica (descrição das batalhas).

Ademais, nos últimos anos o Exército brasileiro desenvolveu três projetos de suma importância para a memória nacional. Estes projetos procuraram apoio teórico e

metodológico nos referenciais hodiernos da História. As obras “História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial”, “História Oral do Exército 1964 – 31 de Março: o movimento revolucionário e a sua história” e, recentemente, “História Oral do Exército – Projeto Rondon: integrar para não entregar” – compostas em diversos volumes – indicam a relevância da adoção de outros paradigmas teóricos e metodológicas para a produção da história no interior da instituição. Nas considerações metodológicas do projeto mais recente, os organizadores enfatizam:

As mutações que se observam no campo da história, abrindo espaço para o estudo do presente, do político, da educação integral, com ênfase no papel do indivíduo no processo social, vêm estimulando o uso das fontes orais e reconhecendo a importância da história oral como método de pesquisa (MOTTA, 2006: 11).

Estes projetos demonstram que é impossível, por longo tempo, compor narrativas historiográficas militares sem incorporar, de algum modo, teoria e metodologia atual. De forma que a História Oral serviu como mote para a elaboração dos projetos relevantes na área da História Militar para a instituição. Não obstante, os projetos limitaram-se à coleta de entrevistas, em apresentar as memórias individuais a respeito dos eventos militares, pois, o objetivo principal foi o de formar um acervo de fontes para o estudo dos processos castrenses. Na apresentação do tomo 1 da primeira obra o general – coordenador geral dos projetos – Aricildes de Moraes Motta afirma:

Nas últimas décadas, a partir de 1970, passam a ocorrer profundas transformações nos diferentes campos da pesquisa histórica, com o resgate das experiências individuais e a exaltação das situações vividas em seus aspectos mais singulares. Revaloriza-se, assim, o papel do sujeito na história, creditando-se novos significados aos depoimentos, testemunhos e cortes biográficos, aceitando-se a possibilidade de que o relato pessoal possa assegurar a transmissão de uma experiência coletiva (MOTTA, 2001:7).

Nas considerações metodológicas dos projetos é possível observar todo o cuidado em elaborar com precisão os procedimentos básicos para a pesquisa em História Oral. Baseado no que tem de mais avançado em produção teórica e metodológica sobre o assunto, como por exemplo, no Núcleo de História Oral da USP, no grupo de pesquisadores da FGV e em teóricos internacionais como Paul Thompson e Louis Starr. Os projetos inauguraram um diálogo importante entre a História Militar castrense e as novas concepções de história. Mesmo não se tratando, em substância, de História Oral, na medida em que se limitou às entrevistas, trata-se de documentação

importante para erigir pesquisas relevantes no campo da História Militar. Com efeito, os objetivos apresentados nas considerações metodológicas do primeiro projeto – trabalho teórico-metodológico – se fundamentam em:

- registrar os relatos das personalidades que, direta ou indiretamente, participaram da Segunda Guerra Mundial;
- recuperar dados e informações sobre fatos e episódios importantes para a História do Brasil, ocorridos no evento supracitado; e
- construir um acervo, adequadamente preparado, para consultas, pesquisas e outros misteres de fundamental interesse para a Força Terrestre (MOTTA, 2001: 11).

Malgrado as expressões de inovação das abordagens, em grande medida, a concepção de História Militar permanece como paradigma dominante a História Tradicional. No campo da pesquisa e do Ensino é a história de tom cartesiano (técnico) que predomina. As pesquisas mais relevantes produzidas na instituição a respeito da História Militar são estruturadas como História Batalha voltadas à descrição minuciosa dos conflitos militares na física dos Estados e na reconstituição dos principais combates. O trabalho do coronel Cláudio Moreira Bento “As Batalhas dos Guararapes: descrição e análise militar” é exemplo contundente desse paradigma. O autor procura apresentar todos os elementos de reconstituição do campo de batalha, tais como: terreno, armamento, estratégias, táticas, logística, moral e outros. Enfim, a História Batalha fica evidenciada em sua narrativa, ou seja, consoante o prefácio da obra elaborado pelo general Duarte Candal Fonseca: “A análise crítica das batalhas, feita em moldes cartesianos, é sóbria, imparcial e convincente” (BENTO, 2004: XXI). Sendo assim, a concepção de História dominante na instituição, envolvendo grande parcela da produção historiográfica militar produzida no espaço castrense, baseia-se numa História Educativa que busca reconstituir batalhas a fim de fornecer informações para a elaboração de Doutrina Militar. A expressão de Tasso Fragoso – principal historiador das primeiras décadas do século XX – “A História Militar é a mestra da vida militar” traduz contundentemente a concepção de História Militar dominante na instituição (RODRIGUES, 2007: 36).

A obra “A Evolução Militar do Brasil” elaborada pelo Coronel João Batista Magalhães publicada na segunda metade dos anos 50, acentua a longa tradição da História Militar brasileira, já no primeiro capítulo o autor afirma: “O esboço das transformações sucessivas da arte militar através dos tempos aqui feito, ajuda, ao que

supomos e almejamos, a interpretar o certo e o errado nas diversas fases do nosso evoluir, quanto às instituições militares (MAGALHÃES, 1998: 35)”. Efetivamente, a História Militar segue seu papel educativo como mestra da vida militar. No prefácio, os pressupostos metodológicos e teóricos – a tecnologia da História Tradicional – são evidenciados pelo General Jonas Correia Neto: “Em habilidosa sequência, o autor vai-se estendendo, de maneira simples, cartesiana, até didática, através dos acontecimentos e das circunstâncias mais marcantes daquilo que se precisa compreender como nossa História Militar” (MAGALHÃES: 1998: 10). Independentemente de toda erudição moderna apresentada na narrativa, pelo autor, recorrendo, amiúde, à literatura e à filosofia, no geral, o sentido máximo da pesquisa está na busca da descrição técnica da evolução militar e na historicização dos grandes chefes militares e civis. Contudo, o próprio Coronel João Batista Magalhães, já naquela época, sublinhou que a obra apenas esboçava elementos para a compreensão da história da evolução militar do Brasil. Assim, segundo o autor:

O que registramos são elementos básicos necessários à compreensão dos fatos, cuja justa interpretação reclama exame de elementos condicionantes, a que apenas aludimos, entre os quais: os aspectos políticos a que eles correspondem; as condições de vida da população, sua morfologia, seus costumes e sua correlação com o território [...] (MAGALHÃES, 1998: 373).

Em 1997, Nilton Freixinho, Coronel do Exército, publicou a obra “Instituições em Crise: Dutra e Góes Monteiro Duas Vidas Paralelas”. Trata-se de narrativa que procura imbricar duas personalidades importantes na História do Brasil e do Exército à História Militar. Em essência, o autor inovou na abordagem biográfica, pois, procurou a contextualização dos personagens, porém, quanto à metodologia e à teoria, que sustentam a trama histórica da obra, ambas permaneceram centradas nos ídolos do paradigma tradicional: no personagem, no cronológico e no político-estatal. Nilton Freixinho não teve qualquer preocupação em teorizar sua narrativa, parte direto para a historicização, entretanto nas primeiras páginas expõe epígrafes que podem indiciar sua concepção teórico-metodológica. A primeira epígrafe é de Maquiavel: “Para dizer o que vai acontecer é preciso saber o que ocorreu antes” – uma alusão a História como mestra da vida, com função educativa. Outra epígrafe que podemos citar é de Nélide Piñon: “Cabe ao historiador, sem temores, ordenar e compor a massa de dados e informações que logra reunir” – nessa perspectiva o historiador se solidariza com a História

Tradicional, com o papel de arquivista da história, ou seja, aquele que transforma os documentos em narrativa procurando a “verdade” dos fatos. Ademais, nas primeiras páginas, antes dos agradecimentos, o autor esboça brevemente as proposições presentes na obra:

Representa um esforço de investigação para se chegar à verdade através do confronto entre as memórias dos atores participantes dos eventos, tendo por charneira outras fontes de pesquisa, inclusive a historiografia oficial. O conhecimento da História pode não desvendar o futuro, mas permite explicar o passado para compreender-se o presente e evitar equívocos na condução política da Nação, de consequências indesejáveis no futuro (FREIXINHO, 1997).

Não é pertinente aqui elencar o grosso da historiografia militar publicada pela instituição nas últimas cinco décadas, nem é o objetivo da pesquisa em tela, pois, em sentido amplo, a proposta é a de apresentar, tão somente, um esboço dessa historiografia. O volume de obras publicadas é extraordinário, não comporta o tempo destinado para o trabalho em pauta. Sendo assim, procurei pinçar autores e obras que pudessem ilustrar a tendência da concepção da História Militar produzida na caserna presente na contemporaneidade. Com efeito, é possível dividir essa historiografia em três linhas importantes:

- 1ª. História Batalha, na qual a descrição meticulosa das forças beligerantes encerra a narrativa;
- 2ª. História da Instituição, narrativa centrada nos três ídolos do paradigma tradicional: personagem, cronológico e político-estatal;
- 3ª. História Oral, organização da memória oral da instituição a fim de compor arquivo para pesquisas futuras, baseada no novo paradigma da História.

Das linhas apontadas acima, as duas primeiras são, sem dúvida, as dominantes na instituição. Malgrado há um movimento que embora não constituindo uma quarta linha dentro da História Militar produzida na instituição, anuncia os primeiros passos na direção de uma História Militar integrada à conjuntura epistemológica contemporânea. Trata-se de militares que procuraram espontaneamente a formação profissional na área de história. A formação acadêmica civil os possibilitou elaborarem pesquisas sobre o tema militar que congrega experiência profissional militar e habilidade técnica de pesquisa possibilitando o uso de paradigmas teóricos e metodológicos atuais. É possível



aqui citar o caso do Coronel Marco Antonio Cunha que produziu uma dissertação de Mestrado (UERJ) inovadora sobre a Guerra da Tríplice Aliança – “A Chama da Nacionalidade: Ecos da Guerra do Paraguai” que em 2000 foi publicada pela BIBLIEX. Teoricamente apoiado na História Cultural o autor procura preencher a ausência de leitura hermenêutica no campo cultural que versa sobre a Guerra do Paraguai. Dessa forma, é possível encontrar na obra a seguinte argumentação:

Ao atentarmos para a produção historiográfica existente sobre o tema ora enfocado, identificamos, inicialmente, uma história factual tradicional, de conteúdo essencialmente político. Observamos, também, os traços característicos da História Política atual, resgatada por René Rémond, que trata do temário político, não como único, mas como um dos aspectos a serem considerados, nas transformações por que passa a sociedade. Mais radical em suas proposições, a História Econômica e Social se apresenta como a única vertente capaz de oferecer uma visão estrutural e conjuntural realmente científica dos verdadeiros fundamentos do processo histórico global. Fica evidente, portanto, que existe um vazio historiográfico sobre os aspectos culturais do conflito (CUNHA, 2000: 15-16).

A citação acima evidencia a adoção de paradigma contemporâneo para discorrer sobre tema da História Militar. Todavia, no sentido dominante, a História Militar concebida pela instituição impõe-se como instrumento para a efetivação de Doutrina Militar e se apóia no paradigma tradicional. Com efeito, do ponto de vista institucional: “História Militar é a parte da História da Humanidade que nos permite reconstruir a História da Doutrina Militar” (RODRIGUES, 2007: 31). Sem dúvida, na perspectiva operacional, a reconstituição das batalhas fornece experiência teórico-militar importantíssima para o estudo da guerra como técnica, auxiliando na formação para a organização, preparo e emprego militar. Contudo é impossível reduzir teórica e metodologicamente a História Militar à descrição de eventos militares relevantes. Há outros campos da História Militar que podem não interessar objetivamente a operacionalidade militar, mas são de relevância singular para a instituição militar, para o Estado Nacional e para a sociedade em geral. Por exemplo, a História das práticas de Ensino Militar, do processo histórico de formação da identidade militar moderna, a teoria e metodologia da História Militar, a história da modernização militar, História e Memória militar e etc. Campos de pesquisa importantes para pesquisadores civis e militares. Com efeito, já existem pesquisas relevantes sobre os campos exemplificados, citamos a pouco uma obra seminal, porém não há a incorporação desses campos como

parte integrante da História Militar. Em entrevista para o projeto de História Oral do Exército o General-de-Divisão – da reserva – Octávio Pereira da Costa enfatizou a necessidade de ampliação da História Militar no Brasil, afirmando:

Devemos ter a capacidade de examinar, de estudar todos os fenômenos e tirar lições, para aprender. História Militar não é só a história das batalhas. A nossa história militar precisa ser mais sociológica, precisamos compreender melhor a sociologia militar, precisamos estudar os aspectos sociais da história, isto é absolutamente fundamental (MOTTA, 2003: 85).

A teoria e metodologia de História Militar na caserna – pelo menos a predominante – mantém-se ligada ao modelo tradicional de pesquisa quanto às fontes, às disciplinas auxiliares e à noção de verdade histórica. No geral, a História Militar ainda utiliza o paradigma da Historiografia brasileira da primeira metade do século XX, desde então a historiografia no país vem acompanhando as mudanças internacionais nas Ciências Humanas e incorporando teoria e metodologia inovadoras apoiadas em novas abordagens e concepções a respeito dos documentos, da relação interdisciplinar com as demais ciências e distanciando-se do sentido absoluto da verdade cartesiana. Ou seja, houve todo um afastamento da certeza cartesiana, do método rígido alicerçado na ciência matemática em busca da verdade com “V” maiúsculo. O próprio René Descartes (1991: 33) afirmava: “[...] eu sempre tive um imenso desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver claro nas minhas ações e caminhar com segurança nesta vida”. Entretanto, as Ciências Humanas hoje estão mais preocupadas com o verdadeiro e o falso enquanto construção, buscando assim compreender e explicar como se constrói estas categorias e, por demais, reticentes em afirmar verdades universais.

Fora da caserna, os historiadores brasileiros há muitas décadas vêm incorporando as inovações presentes na historiografia internacional. Nos anos 60 e 70 os cientistas políticos – não propriamente historiadores – abriram espaço para o tema militar, José Murilo de Carvalho e Edmundo Campos Coelho produziram trabalhos de pesquisa importantes que podem tranquilamente ser incorporado ao campo da Nova História Militar, pois estiveram, junto com Nelson Werneck Sodré, na vanguarda da produção historiográfica deslocada do paradigma tradicional. O artigo “As Forças Armadas na Primeira República: o Poder Desestabilizador”, de José Murilo de Carvalho e o livro “Em Busca de Identidade: O Exército e a política na sociedade brasileira”, de

Edmundo Campos Coelho, foram fundamentais para retomar ao mundo acadêmico a temática militar e com ela a elaboração de pesquisa. Segundo a memória de Murilo da Carvalho, nos anos 60: “Descobri que quase não havia entre nós estudos acadêmicos sobre o tema. Era necessário começar quase do nada” (CARVALHO, 2005: 8). Sendo assim, foi na ciência política e na sociologia militar que ambos os autores procuraram apoiar-se para compreender a instituição na história.

Mesmo não sendo historiadores houve, sem dúvida, a produção de História Militar por outro viés. No entanto, a obra impactante no Brasil acerca do tema em tela, foi a “Nova História Militar Brasileira” organizada por pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Ela evidenciou para o público em geral uma síntese das pesquisas sobre a temática militar produzida por brasileiros e brasilianistas. Esta obra acentua a produção historiográfica dos últimos vinte anos, *grosso modo*, pontua as pesquisas recentes e as últimas teses sobre o assunto. No limite, praticamente abarca toda a história brasileira, do período colonial à contemporaneidade, porém, o relevante aqui é procurar mapear os pressupostos metodológicos e teóricos gerais que sustentam essa Nova História Militar. Assim, consoante os organizadores:

Essas pesquisas estudam a origem social, os vínculos de sociabilidade, as operações formais e informais das hierarquias, os sistemas de progressão e punição operantes nos quartéis e destacamentos espalhados pelo país. Estudam também as ocasiões em que as Forças Armadas entraram em combate: as poucas guerras externas, a participação no processo de unificação territorial, a formação dos oficiais e os episódios de revoltas coletiva, especialmente as revoltas. Finalmente, se debruçam sobre questões de gênero, incluindo a identidade masculina, o homossexualismo e a participação de mulheres nos contingentes (CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY, 2004: 12-13).

Objetivamente, há toda uma diversidade a respeito do tema militar abarcado pelos pesquisadores. Em parte, temas do mundo civil foram deslocados para o mundo militar. Não se faz mister discutir a validade dos temas para a História Militar, mas quais as inovações metodológicas e teóricas que justificam a expressão “Nova História Militar”. Segundo os organizadores: “Na década de 1990 e no início de novo milênio, a produção acadêmica brasileira sobre a história militar foi capaz de, simultaneamente, forjar novas direções de pesquisa e promover novas interpretações para antigas questões” (CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY, 2004: 12-13). Essa nova tendência na historiografia militar em termos teóricos e metodológicos é bastante eclética, podemos

encontrar desde a mistura de História Política com a História Social, até interpretações pós-modernas centradas no significado das práticas militares. No horizonte disciplinar, os pesquisadores representam saberes diversos, pois são: antropólogos, cientistas políticos e sociais e historiadores. Em comum, demonstram um estágio avançado da pesquisa acadêmica no país – são profissionais da pesquisa – não intelectuais orgânicos no sentido gramsciano. O volume de trabalhos de pesquisa apresentados não comporta uma análise singular de cada produção. A proposição dominante envolveu a confecção de uma História Total, no sentido de procurar estruturar uma ampla teia de perspectivas de pesquisa. De acordo com os organizadores:

Talvez os historiadores sociais das organizações militares, às vezes fascinados com a vida cotidiana, tenham negligenciado a proposta principal da vida militar: travar batalha com o inimigo. O capítulo de César Campiani Maximiano oferece uma correção útil a essa tendência, na medida em que examina as experiências dos soldados brasileiros no *front* italiano durante a II Guerra Mundial (CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY, 2004: 28).

Convém discorrer sumariamente acerca de alguns pesquisadores de ponta da chamada “Nova História Militar”. Francisco Doratioto é, sem dúvida, o historiador que inovou na abordagem da Guerra do Paraguai, rompendo com a historiografia tradicional e a economicista de tendência marxizante. A tese de doutorado, publicada pela Companhia das Letras em 2002, intitulada “Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai” se impõe como uma Nova História Militar das Relações Internacionais. O autor representa uma nova tendência na produção da história no Brasil, de formação antes técnica do que política, de forma que o rigor teórico e metodológico se interpõe ao nacionalismo ufanista da História Tradicional e ao partidarismo político do marxismo enquanto ideologia. Assim, conforme Doratioto:

Na verdade tanto a historiografia conservadora como o revisionismo simplificaram as causas e o desenrolar da Guerra do Paraguai, ao ignorar documentos e anestesiar o senso crítico. Ambos substituíram a metodologia do trabalho histórico pelo emocionalismo fácil e pela denúncia indignada. Para uma análise mais precisa das origens e do desenrolar da guerra faltaram à historiografia conservadora, devido à época de seu surgimento, conhecimento metodológico e, mesmo, documentação acessível ao pesquisador. Dessas atenuantes, porém, não se beneficia o revisionismo, em sua vertente antiimperialista, que tem explicado o momento histórico em que foi gerado e se desenvolveu, nas décadas de 1960 a 1980, quando as sociedades desta parte da América do Sul viviam sob ditaduras militares [...] (DORATIOTO, 2002: 20).

O Mesmo autor publicou ainda, pela mesma editora, uma excelente História Biográfica no campo da História Militar que se intitula “General Osorio”. Diferentemente da tradicional História Biográfica, a pesquisa de Francisco Doratioto procurou historiar a vida de Osorio como mecanismo compreensivo do social. Dessa forma, o biografado é posto como sujeito da história, corpo capaz de revelar parte importante da história brasileira (DORATIOTO, 2008). Outros pesquisadores também contribuíram com trabalhos relevantes para a inovação teórico-metodológica, como por exemplo, Ricardo Salles, que estudou as consequências da Guerra do Paraguai para a escravidão e a cidadania e Wilma Peres Costa e Vitor Izecksohn que pesquisaram no campo da História Política a fim de relacionar a Guerra do Paraguai ao fortalecimento do núcleo profissional da oficialidade no Exército, bem como, a ruptura entre o Império e a Instituição (CASTRO; IZECKSOHN; KRAAY, 2004: 24-25). Além desses pesquisadores, um volume crescente de trabalhos vem sendo publicados no país, de forma que não é exagero afirmar que estamos, de certa forma, vivenciando um *boom* extraordinário de pesquisa e publicação em torno do tema militar. A “Revista História” da Biblioteca Nacional vem publicando uma série de artigos sobre História Militar, ao ponto de reuni-los em livro de bolso para venda em Bancas de Revista. O livro “Guerras e Batalhas Brasileiras” foi publicado em 2009. Organizado por Luciano Figueiredo, nele é possível encontrar uma plêiade de historiadores importantes que discorrem sobre guerras e batalhas brasileiras, dentre eles destacam-se a figura de Ronaldo Vainfas e José Murilo de Carvalho. A introdução de Lilia Moritz Schwarcz síntese a intenção dos autores:

Guerras e Batalhas Brasileiras [...], contradiz a máxima histórica e revela como a violência é também nosso nome. [...] Questionar mitos e problematizá-los é função de todos nós. Num país marcado por desigualdades sociais e hierarquias assentadas, a violência cotidiana acaba por se transformar em discurso silencioso, dissimulado pela pátina do tempo (SCHWARCZ, 2009: 9-10).

No limite, a História Militar no campo teórico e metodológico vem sofrendo mutação importante. Assistimos ao ressurgimento do tema militar e suas implicações político-belicosas. Se no meio civil a História vem, nas últimas décadas, se

profissionalizando, com o incremento dos cursos de pós-graduação, o mesmo não ocorre no meio militar. Como resultado direto, a História Militar brasileira, fomentada no meio acadêmico, apresenta de forma mais objetiva esta mutação, com a adoção de teorias e metodologias atualizadas, enquanto que na instituição militar ainda não encontramos a profissionalização dos historiadores militares, o que dificulta sobremaneira a compreensão e a adoção de novos paradigmas explicativos para o tema. Entretanto, como é impossível manter-se afastado dos imperativos transformacionais da modernidade, lentamente, a História Militar produzida na caserna vem incorporando inovações teórico-metodológicas. Observando o catálogo de publicações da BIBLIEX é possível – a olho nú – vislumbrar a mudança ainda que vagarosa.

### **A Pertinência da Aproximação entre Pesquisadores Civis e Militares**

Efetivamente, a aproximação entre pesquisadores civis e militares já é uma realidade em diversos países, no Brasil não é diferente. O trabalho conjunto entre historiadores civis e militares é pertinente para ambas instituições. Se os civis se sobressaem quanto ao domínio teórico e metodológico, os militares conhecem sua bossa, dominam tecnicamente o espaço da guerra e podem auxiliar na interpretação dos eventos historiados. Sabemos que o sucesso do salto qualitativo dado pela Nova História Militar brasileira, em larga medida, teve apoio nas informações preciosas fornecidas pelos historiadores militares. Também, sabemos que os passos modernizantes no campo da História Militar, produzida na caserna, somente se realizarão a bom termo com a formação profissional de quadros militares nas Universidades Civis ou com a presença de historiadores profissionais capazes de formar quadros adequados ao novo contexto epistemológico de pesquisa em História.

A complexidade da defesa nacional na contemporaneidade não marca qualquer territorialidade entre civis e militares. Podemos começar citando o caso da História Militar em Portugal. No ano de 2003 os portugueses publicaram, em cinco volumes, a “Nova História Militar de Portugal” organizada pelo General Manuel Themudo Barata e pelo historiador civil, doutor em História Militar, Nuno Severiano Teixeira. Exemplo de aproximação entre pesquisadores civis e militares a fim de renovar a historiografia militar portuguesa. Em Portugal entre as décadas de 1980 e 1990 houve um aumento

significativo das discussões teóricas e metodológicas em torno da História como disciplina e por extensão da própria História Militar. Assim, os novos paradigmas da História passaram a envolver pesquisa que versava sobre o tema militar. Nas universidades portuguesas (Coimbra, Porto, Lisboa e outras) e na Comissão de História Militar uma série de pesquisas foi desenvolvida; afinada com a utilização dos paradigmas contemporâneos. O historiador Nuno Severiano Teixeira nos apresenta uma boa síntese do processo de mutação do paradigma historiográfico:

Durante um largo período, até aos anos 30, o paradigma historiográfico geral assentava como uma luva na história militar. Baseava-se fundamentalmente no facto concreto atomizado, individual, assentando na figura do herói e na sucessão contínua do tempo. Era a história dos reis, dos generais, das batalhas... O paradigma da história geral correspondia ao da história militar. A partir dos anos 30, sobretudo com os **Annales** e depois com a "Nova História", passa-se para a história social, colectiva; do tempo curto para a tentativa de encontrar tempos médios e longos; do acontecimento individual para os acontecimentos de repetição, como as estruturas e conjunturas. Quando a historiografia se renovou e avançou nesse sentido teórico-metodológico, procurou objectos que correspondessem a isso- a economia, a etnografia, as mentalidades- e deixou para trás o que estava associado enquanto objecto à história tradicional. Até ao final da década de 70, a ideia entre os historiadores era a de que o fenómeno político e militar não era susceptível de ser tratado cientificamente, porque correspondia a um paradigma ideológico. A função dessa história fora em grande medida de legitimação política e muitas vezes comemorativa. A partir de fins dos anos 70, por virtude de evoluções noutras disciplinas (a sociologia militar, o pensamento estratégico, a ciência política, a "polemologia" de G. Bouthoul, hoje ultrapassada, mas que teve uma função), ficou claro que havia domínios do conhecimento que tratavam o fenómeno militar de uma perspectiva que podemos dizer científica. Há então estudos que começam a importar novos métodos e técnicas para a história militar. Esta encontra novos campos, objectos e métodos<sup>3</sup>.

O Brasil não se encontra tão avançado como Portugal, no entanto já é possível perceber um movimento consistente de intercâmbio entre militares e civis na área de defesa nacional e por extensão na própria História Militar. A ANPUH (Associação Nacional de Pesquisadores Universitários de História) abriga um GT (Grupo de trabalho de Pesquisa) em Estudos Políticos e Militares Contemporâneos. Criado em 2005, o GT abriga pesquisadores civis e militares – embora não haja a incorporação das pesquisas na instituição militar – a participação de militares nos cursos de pós-graduação é um indicativo de mudança. A proposta do GT é a de elaborar concepções ampliadas e

---

<sup>3</sup> <http://historiaeciencia.weblog.com.pt/arquivo/027417.html> acesso em 28/12/2012

renovadas referente à História Militar. De acordo com os principais organizadores do GT, os pesquisadores José Miguel Arias Neto e Francisco César Alves Ferraz:

Dentro dessas concepções, os estudos do Grupo abrangem os processos de poder em suas mais variadas manifestações contemporâneas, desde as estruturas políticas estatais, as relações de poder que se estabelecem entre os vários grupos sociais, até as expressões culturais dessas estruturas e relações. De maneira análoga, as guerras e os conflitos humanos serão percebidos através da integração complexa entre as sociedades e as organizações armadas, dentro e fora do âmbito estatal e nacional. Dessa forma, são acolhidas pesquisas sobre as relações entre as sociedades, as instituições militares e as guerras e conflitos por elas protagonizados: preparação para a guerra, papel desempenhado pelos combatentes e não-combatentes, dimensões culturais, sociais e econômicas dos conflitos humanos<sup>4</sup>.

Portanto, entre historiadores civis e militares já há um movimento de aproximação e de troca de informações. Contudo, não encontramos uma integração consistente capaz de conduzir um projeto de construção de pesquisa que resulte, pelo menos em curto prazo, numa reformulação, como no caso português, da História Militar Brasileira. Em termos mais efetivos, necessitamos de um projeto em comum que congregue militares e civis na reformulação da historiografia militar. Na obra “Nova História Militar Brasileira” não há a colaboração direta entre militares e civis, foi trabalho de acadêmicos de universidades. Pela importância militar do Brasil é fundamental organizar as principais pesquisas e fomentar outras sobre o tema para que se possa, em diversos volumes, apresentar uma “Nova História Militar Brasileira” ao público em geral.

Além do GT em Estudos Políticos e Militares Contemporâneos, também podemos citar como exemplo de integração a ABED (Associação Brasileira de Estudos de Defesa) embora não se limitando exclusivamente à História Militar abre espaço para o trabalho de historiadores. A ABED foi criada em 2005 como resultado do esforço de pesquisadores civis e militares que atuam profissionalmente em instituições de ensino e pesquisa. Há uma gama bem ampla de interesses da associação, tais como defesa nacional, segurança nacional e internacional, guerra e paz, relações entre Estado e Sociedade, economia e Forças Armadas, educação militar e outros.

---

<sup>4</sup><http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0080705P1OQQNW> acesso em 28/12/2012



### **Considerações Finais**

O esboço crítico de historiografia militar brasileira contemporânea – proposição da pesquisa em tela – não representa em absoluto um movimento de fora para dentro da instituição militar. É fundamental sublinhar que a crítica mais contundente ao paradigma tradicional em que se apóia, em larga medida, a História Militar elaborada na caserna partiu da própria instituição, da Revista “A Defesa Nacional”, nº 768 de 1995, que publicou o artigo do português, Doutor em História Militar, Nuno Severiano Teixeira “A História Militar e a Historiografia Contemporânea”, texto que na época me inspirou para que em momento oportuno pudesse contribuir com o debate. A mudança de paradigma efetiva-se num contexto de pesquisa e de profissionalização dos historiadores. A crítica epistemológica assegura a adequação teórico-metodológica da pesquisa, transformando, assim, a atividade de produção historiográfica em prática científica de modelo contemporâneo.

Efetivamente, convém ampliar as discussões em torno do modelo de construção da História Militar no Brasil, aproximando saberes militares e civis para que a possamos avançar juntos nas pesquisas e fazer da História Militar elemento de compreensão de nossa realidade militar auxiliando na defesa nacional em sentido amplo. Para tal, urge a necessidade de formar quadros militares profissionalizados em História, capazes de contribuir com pesquisas inovadoras para a instituição e para o país. O Exército Brasileiro já vem desenvolvendo movimento importante nesta direção, com cursos de Pós-Graduação em História Militar em parceria com universidades civis (MARTINS, 2002), porém em termos gerais não conseguimos avançar na debate em torno de uma crítica epistemológica à historiografia militar tradicional. Dessa forma, todo o esforço empreendido nesta pesquisa foi no sentido de destacar a importância de pensar teoricamente a própria produção historiográfica militar, pois a modernização implica, também, na mudança de paradigmas.

### **Referências Bibliográficas**

ARÓSTEGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica: Teoria e Método*. Bauru: EDUSC, 2006.

AZÉMA, Jean-Pierre. A Guerra. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ-FGV, 1996.

BANHA, Paulo da Motta (coord.). *História do Estado-Maior do Exército*. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército editora, 1984.

BENTO, Cláudio Moreira. *As Batalhas dos Guararapes: Descrição e Análise Militar*. Porto Alegre: Gênese, 2004.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales*. São Paulo: UNESP, 1991.

CARVALHO, L. P. Macedo. *Revisionismo Histórico*. A Defesa Nacional: Vol. 793, 2002.

CARVALHO, José Murilo. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CASTRO, Celso. *A invenção do Exército brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. *Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *O espírito militar: um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

CASTRO, Celso e IZECKSOHN, Vitor e outros. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004.

CHARTIER, Roger. História Positivista. IN: LE Goff, Jacques, CHARTIER, Roger; Et all. *A Nova História*. COIMBRA: Almedina, 1990.

CIDADE, Francisco de Paula. *Síntese de Três Séculos de Literatura Militar brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

COELHO, Edmundo Campos. *Em Busca de Identidade: o Exército e a política na sociedade brasileira*. São Paulo: Record, 2000.

CUNHA, Marco Antonio. *A Chama da Nacionalidade: Ecos da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.

DESCARTES, René. *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

DORATIOTO, Francisco F. M. *Três Reflexões sobre a Guerra do Paraguai*. A Defesa Nacional: Vol. 797, 2002.

\_\_\_\_\_. *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *General Osorio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FIGUEIREDO, Luciano. *Guerras e Batalhas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

FREIXINHO, Nilton. *Instituições em Crise: Dutra e Góes Monteiro Duas Vidas Paralelas*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1997.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e Nacionalismos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LACOUTURE, Jean. A História Imediata. IN: LE Goff, Jacques, CHARTIER, Roger; Et all. *A Nova História*. COIMBRA: Almedina, 1990.

MAGALHÃES, João Batista. *A Evolução Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1998.

MARTINS, Hélio Leôncio. *Encerramento do Primeiro Curso de Pós-Graduação em História Militar*. A Defesa Nacional: Vol. 794, 2002.

\_\_\_\_\_. *Curso de Especialização em História Militar*. A Defesa Nacional: Vol. 805, 2006.

MOTTA, Aricildes de Moraes. *História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial*. Tomo 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. *1964 – 31 de março: o movimento revolucionário e a sua história (História Oral do Exército)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003. Tomo 2.

\_\_\_\_\_. *História Oral do Exército: Projeto Rondon – integrar para não entregar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2006. Tomo 1.

REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

RODRIGUES, Alexandre Sobral. *História Militar*. Rio de Janeiro: EsAO, 2007.

SIMIAND, François. *Método Histórico e Ciência Social*. Bauru: EDUSC, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_. *Narrativas Militares*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1959.

TEIXEIRA, Nuno Severiano. *A História Militar e a Historiografia Contemporânea*. A Defesa Nacional: Vol. 768, 1995.

Recebido em 02 de janeiro de 2013/  
Aprovado em 05 de abril de 2013